

# A PARCERIA ESTRATÉGICA CHINA – UE

## ORIGENS E PERSPECTIVAS\*

Xing Hua

O relacionamento entre a China e a União Europeia (UE) constitui uma das relações bilaterais mais importantes, activas e influentes no actual xadrez internacional. Em Outubro de 2003, aquando da 6.<sup>a</sup> Cimeira China – UE, reunida em Pequim, a China e a UE concordaram tratar-se de uma parceria estratégica, deixando bem patente que as relações entre a China e a UE tinham alcançado um novo marco histórico em virtude do seu gradual aprofundamento e expansão ao longo das últimas três décadas. Três marcos pautam a evolução do processo de relacionamento entre a China e a UE.

### **PRIMÓRDIOS DAS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS**

Em Maio de 1975, a China e a Comunidade Económica Europeia (CEE) estabeleceram oficialmente relações diplomáticas. Os antecedentes deste passo prendem-se com o facto de a China ter normalizado as suas relações com os Estados Unidos depois de recuperar o seu assento na ONU. A esfera diplomática chinesa expandia-se significativamente visto a maioria dos estados-membros da CEE terem estabelecido relações diplomáticas com a China que, por seu turno, desenvolveu relações com a Europa no seu todo.

Entretanto, a CEE, sob o ímpeto da integração das duas décadas passadas, entendeu assumir um papel mais activo nos assuntos internacionais e expandir as suas relações externas. Enquanto potência fulcral na Ásia, a China enquadrava-se naturalmente nessa visão. Apesar da grande distância que separa a China da Europa, não existia entre ambas as partes nenhum conflito de interesses, grande ou directo. Inclusive, por serem complementares a nível económico revelou-se necessário desenvolver laços económicos e comerciais. Além disso, as duas partes aproximaram-se dadas as afinidades entre as suas situações no contexto da Guerra Fria. Estes factores reforçaram o ímpeto de ambas as partes no sentido de estabelecer relações e asseguraram o desenvolvimento tranquilo das relações bilaterais até meados da década de 1990.

### **O SALTO NAS RELAÇÕES CHINA – UE NA DÉCADA DE 1990**

Na década de 1990, as relações China – UE atingiram um novo patamar. Libertas da divi-

são bipolar na política internacional, quer a China quer a UE aproveitaram essa oportunidade, numa altura em que paz e desenvolvimento se tornaram nos dois temas principais da agenda internacional. De ambos os lados, os esforços incidiam na reforma e na construção económica, tendo conseguido resultados notáveis. As duas potências mundiais em ascensão partilhavam uma avaliação positiva recíproca, incentivando e apoiando as iniciativas uma da outra. Tendo em conta os crescentes interesses comuns entre a China e a UE, foi possível desenvolver os contactos políticos para além das relações económicas e comerciais. Em Junho de 1994, as duas partes encetaram um diálogo político, e no ano seguinte lançaram um diálogo sobre direitos humanos. Sem hesitações, a China levou a cabo as reformas e a abertura, e adoptou uma postura de cooperação, responsável e construtiva, perante as questões regionais e globais. Paralelamente, o processo de integração da UE avançou firmemente, tornando-se num actor importante e activo à escala mundial. Esses desenvolvimentos fizeram com que ambas as partes atribuissem mais valor às suas relações bilaterais. Por conseguinte, a UE começou a planear uma política de longo prazo em relação à China.

Em Julho de 1995, a UE aprovou o primeiro documento de orientação política neste domínio, intitulado «Política de Longo Prazo em Relação à China». A 2 de Fevereiro de 1998, o então vice-presidente da Comissão Europeia, Sir Samuel Brittan, publicou o seu célebre discurso, sob o título «Engaging China». Esse texto defendia que, tendo em conta as mudanças sem precedentes na política interna da China e na evolução do seu estatuto internacional, cabia à UE formular uma política firme, geral e de longo prazo. Seguindo essa linha de pensamento, o Conselho da UE aprovou, no mesmo ano, o relatório «Desenvolvimento de Uma Parceria Global com a China». O Ministério dos Negócios Estrangeiros da China publicou, por seu lado, uma declaração em que acolhia calorosamente este novo avanço político da UE em relação à China, exprimindo a disponibilidade chinesa no sentido de estabelecer uma «parceria a longo prazo, estável e construtiva virada para o século XXI». As relações China – UE entravam numa nova fase, com as seguintes características: 1) as duas partes elevaram o nível das relações bilaterais nas suas políticas externas respectivas; 2) as duas partes formularam uma política de longo prazo uma em relação à outra; 3) as duas partes instauraram um mecanismo de reuniões-cimeiras anuais, ao mais alto nível, e estabeleceram um mecanismo de diálogo político a múltiplos níveis, tanto entre a China e a UE, como entre a China e os estados-membros da UE; 4) as partes aprofundaram uma cooperação integrada a par do reforço dos laços económicos e comerciais; 5) a UE e os países que a integram envolveram-se activamente no movimento de modernização da China. A cooperação entre ambas as partes abarca praticamente todos os sectores vitais da reforma e desenvolvimento da China.

### **CARÁCTER ESTRATÉGICO DA PARCERIA NO INÍCIO DO NOVO SÉCULO**

Com o virar do século, as mudanças da situação internacional tornaram-se ainda mais drásticas e complicadas, confrontando a comunidade internacional com uma série de

desafios graves. Entre a China e a UE as preocupações e as posições comuns relativas a assuntos fulcrais, cuja importância é vital para o futuro da humanidade, têm ganho cada vez maior relevância. O comunicado conjunto, assinado por ocasião da 5.<sup>a</sup> Cimeira em Copenhaga, no ano de 2002, realçou o facto de nunca antes na história as duas partes terem partilhado preocupações similares acerca da segurança internacional. O comunicado referia ainda que a UE acompanhava com interesse o novo conceito de segurança da China, e manifestava a elevada motivação de ambas as partes para se apoiarem mutuamente. O diálogo e as consultas entre as duas partes, além de terem sido ampliados a oito áreas, cobrindo assim muitas vertentes de um modo abrangente, constituíram importantes canais para trocar informações, coordenar posições, examinar diferenças, promover a cooperação. Inclusive, a nova liderança da China considerou o desenvolvimento das suas relações com a UE como um capítulo relevante da diplomacia chinesa. Pelo seu lado, o Alto-Representante da UE para a Política Externa e Segurança, Javier Solana, classificava a China como um dos seis parceiros estratégicos da UE. Neste contexto, durante a 6.<sup>a</sup> Cimeira realizada em Outubro de 2003, em Pequim, as duas partes entenderam elevar as suas relações bilaterais para uma «parceria estratégica global», marcando assim o início de uma nova fase das suas relações bilaterais, cada vez mais profundas.

ENTRE A CHINA E A UE AS PREOCUPAÇÕES  
E AS POSIÇÕES COMUNS RELATIVAS A ASSUNTOS  
FULCRAIS TÊM GANHO CADA VEZ  
MAIOR RELEVÂNCIA.

### **A FORÇA MOTRIZ DA PARCERIA ESTRATÉGICA ENTRE A CHINA E A UE**

A força motriz fundamental subjacente ao desenvolvimento das relações bilaterais sino-europeias decorre do alargamento e aprofundamento da convergência de interesses entre as duas partes, bem como de considerações estratégicas, tendo em conta a alteração das dinâmicas das situações internas, quer na China quer na UE.

Graças às reformas e abertura das duas décadas transactas, e que se foram consolidando gradual e firmemente, o pensamento político na China passou a incorporar novos conceitos e ideias. As ideias que levam em conta a necessidade de se adequar aos novos tempos, de ter em conta os interesses das pessoas como o ponto de partida das políticas, de alargar efectivamente a democracia na China, de alcançar um desenvolvimento sustentável, e de construir uma sociedade harmoniosa, passaram a ser as linhas de orientação da política chinesa, quer interna quer externamente.

A diplomacia é a continuação da política interna. As reformas e a abertura interna da China têm de se traduzir na nova orientação, no novo espírito e nos novos objectivos da sua diplomacia. A China está a fazer um grande esforço para compreender as tendências de evolução internacional e aprender com a experiência dos outros países, e trabalha arduamente para desempenhar um papel cada vez mais construtivo na comunidade internacional. Além dos temas da paz e do desenvolvimento, a diplomacia da China tem um terceiro tema, a cooperação. Relativamente à UE, os resultados notórios quanto ao

seu processo de integração e a necessidade de levar por diante o seu desenvolvimento são a força motriz da política externa e de segurança comum. Embora a política externa da UE tenha de se concentrar prioritariamente na sua vizinhança, está disposta a tornar-se global, envolvendo-se na resolução de diversas questões à escala mundial. As duas forças ascendentes da arena internacional estão a aproximar-se cada vez mais em prol de um ambiente internacional estável e pacífico, e a estimular uma cooperação internacional abrangente.

No contexto do pós-Guerra Fria, o mundo enfrenta inúmeros desafios graves. Certas crises regionais continuam por resolver, as ameaças não-tradicionais, como o terrorismo, tornaram-se mais evidentes, e o lado negativo da globalização, que está a alargar o fosso entre ricos e pobres, pode causar perturbações. Tal como afirmou a UE, o mundo tornou-se globalizado e dividido. A China e a UE partilham em grande medida o prisma da governação global e apresentam muitas posições de convergência para abordar a nova situação. Ambas as partes advogam que os desafios com os quais a comunidade internacional se depara exigem um multilateralismo efectivo. As normas que regem as relações internacionais e a autoridade da ONU devem, no seu entender, ser salvaguardadas, a questão do desenvolvimento deve ser realçada, as disputas internacionais devem ser solucionadas através de meios pacíficos e deve-se opor o diálogo ao choque das civilizações. Todos estes elementos alicerçam também a natureza estratégica do relacionamento bilateral.

O carácter estratégico do relacionamento reflecte a maturidade, a estabilidade e a natureza de longo prazo das relações China – UE. Nos últimos trinta anos de cooperação, o lado positivo deste relacionamento consolidou-se, os mecanismos de diálogo e o respeito mútuo aperfeiçoaram-se, e a paciência e a contenção ficaram patentes no modo de abordar diferenças e divergências. Tudo isso confirma a natureza estratégica da relação entre a China e a União Europeia.

## **PERSPECTIVAS PARA A PARCERIA ESTRATÉGICA CHINA – UE**

Há uma convergência crescente entre as intenções da China e da UE no sentido de procurar a igualdade e a democracia nas relações internacionais, bem como para reforçar a

paz mundial e o desenvolvimento, que se vai manter durante um período histórico longo e impor um desenvolvimento crescente das relações de longo prazo entre as duas partes.

As duas partes encontram-se, ambas, numa fase crítica de desenvolvimento, que

se reveste de grande importância mútua. A China está empenhada em aprofundar a sua reestruturação económica e em promover um crescimento científico equilibrado. Os esforços da UE no sentido de aprofundar e expandir o seu processo de integração enfren-

ATENDENDO À CONVERGÊNCIA ESTRATÉGICA  
E À SEMELHANÇA DOS SEUS INTERESSES  
FUNDAMENTAIS, TANTO A CHINA COMO A UE  
VÃO CONTINUAR A CONVERGIR  
E A APOIAR-SE MUTUAMENTE.

tam sérios desafios. Atendendo à convergência estratégica e à semelhança dos seus interesses fundamentais, tanto a China como a UE vão continuar a convergir e a apoiar-se mutuamente. Assim sendo, é possível encarar o seu relacionamento, que revela uma grande vitalidade, com optimismo.

A parceria estratégica entre a China e a UE é um processo, não um fim em si. As relações China – UE terão de ser enriquecidas, consubstanciadas, e regularmente incrementadas. O processo de relacionamento entre a China e a UE nem sempre foi um mar de rosas. Se, por um lado, as relações entre a China e a UE merecem ser vistas com optimismo, por outro há que encarar as divergências e os diferendos que resultam de uma história, de uma cultura, de um sistema político e de valores distintos, assim como de interesses económicos diferenciados. Quer a China quer a UE deveriam preparar-se melhor para a realidade. O actual diferendo comercial entre a China e a UE, relativo aos têxteis, e a incapacidade de a UE em atender o pedido chinês no sentido de levantar o embargo sobre as armas, e de reconhecer à China o estatuto de economia de mercado, são questões incontornáveis que requerem a devida atenção. A chave é ambas as partes unirem as mãos e ultrapassarem as dificuldades.

A abordagem correcta e efectiva para essas questões consiste em apostar mais nos interesses comuns e minimizar e transpor as divergências. O reforço do entendimento e respeito mútuos em relação às preocupações da outra parte garantirão o regular e renovado progresso das relações bilaterais, e, mais importante ainda, reforçarão a compreensão e confiança recíprocas de um modo estável.

A UE deveria prestar mais atenção e procurar compreender melhor a contraparte chinesa relativamente aos seguintes aspectos. Em primeiro lugar, a firme determinação e as acções da China para aprofundar a reforma e abrir-se mais para o mundo exterior. Em segundo lugar, as mudanças ocorridas ao nível da sociedade chinesa nos campos político, económico e social, e a transformação da mentalidade, que irá prosseguir nos próximos tempos, o que, numa perspectiva prática e de futuro, pressupõe observar o progresso da China, os problemas existentes e as forças motrizes internas, levando a China a insistir no rumo da democracia, do Estado de direito e da protecção dos direitos humanos. Em terceiro lugar, a política externa da China e a sua percepção do exterior são constantemente enriquecidas e têm sido alvo de ajustamentos para desempenhar um papel mais activo e construtivo no quadro das relações internacionais. O desenvolvimento da China tem por objectivo criar uma situação vencedora, em que todos os seus vizinhos e o mundo no seu conjunto possam gozar de paz e prosperidade. Em quarto lugar, a China, tal como qualquer outro país do mundo, considera a sua unidade e integridade territorial um interesse essencial. Inabalavelmente determinada e com a máxima sinceridade, levará a cabo os maiores esforços para encontrar uma solução pacífica para o contencioso com Taiwan. Por conseguinte, a China é muito sensível à atitude dos outros países em relação à questão com Taiwan, sendo a questão que mais preocupa a China.

Do mesmo modo, cabe à China entender, em primeiro lugar, a unidade e diversidade da política chinesa da UE, em segundo, a intenção da UE de disseminar o seu modelo de desenvolvimento e os seus valores e, em terceiro, as preocupações da UE relativamente à segurança na região Ásia-Pacífico e no estreito de Taiwan.

Entre a China e a UE existe uma confiança e uma compreensão que se foram construindo ao longo do tempo. Porém, a confiança e a compreensão não bastam, existindo inclusive alguns mal-entendidos que não se podem esclarecer facilmente. Reforçar a compreensão e a confiança mútuas é um tema recorrente quer para a China quer para a UE, e que alimentará e guiará a evolução das relações sino-europeias. Tal como um comboio de alta velocidade de cruzeiro, os problemas que as relações China – UE enfrentam hoje são apenas pequenos obstáculos, naturais quando a máquina está a subir. Desde que a China e a UE trabalhem juntas para alimentar a locomotiva – reforçando a compreensão mútua – conseguirão certamente superar esses obstáculos para atingir níveis mais elevados no quadro das relações bilaterais. *REI*

TRADUÇÃO: PATRÍCIA ROMAN

## NOTA

\* Apresentado no Encontro da Arrábida «A China e a Europa», realizado no Convento da Arrábida, de 15 a 17 de Junho de 2005.